

ANÁLISE DOS ESTUDOS SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL PUBLICADOS NO CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (CONEDU)

HUDSON DO VALE DE OLIVEIRA

Doutorando em Administração pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC); Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima (IFRR) / *Campus Boa Vista Zona Oeste (CBVZO)*, HUDSON.OLIVEIRA@IFRR.EDU.BR

PATRÍCIA DE OLIVEIRA E SILVA PEREIRA MENDES

Professora Doutora do Centro de Ciências Humanas e da Educação (FAED), Departamento de Pedagogia, da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), patricia2017udesc@gmail.com

RESUMO

A educação sexual é um tema que faz parte do nosso dia a dia, mas, infelizmente, ainda tem sido alvo de tabus e, conseqüentemente, não tratamos sobre esse assunto com naturalidade. Nesse sentido, este artigo tem por objetivo identificar e analisar as produções científicas sobre essa temática, tendo como base de dados os anais das 7 (sete) edições do Congresso Nacional de Educação (CONEDU). O estudo se caracteriza como exploratório, com abordagem qualitativa e descritiva. Percebeu-se que muitos dos estudos estão atrelados à atividades de cursos de graduação, sobretudo licenciaturas em biologia e em pedagogia. Assim, a partir de atividades realizadas nestes cursos, durante o processo formativo, são produzidos os artigos científicos. Foi possível identificar uma predominância da abordagem qualitativa e uma multiplicidade de estratégias para coleta de dados, inclusive em um mesmo artigo. Verificou-se, também, que a maioria dos estudos se enquadra em três eixos, a saber: iniciação sexual/gravidez na adolescência, orientação sexual e doenças sexualmente transmissíveis¹. Portanto, percebe-se a necessidade de expandir os estudos sobre educação sexual para além dos eixos mencionados.

Palavras-chave: Aprendizagem, Educação Sexual, Gênero, Sexualidade.

1 Ao invés dessa nomenclatura (Doenças Sexualmente Transmissíveis – DST), a partir de novembro de 2016, passou-se a utilizar a nomenclatura “Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST)” (BRASIL, 2016).

INTRODUÇÃO

A Educação Sexual é uma temática que, durante muito tempo, foi considerada, por diferentes razões – por exemplo, a insegurança dos professores em abordar o tema, sobretudo a depender da faixa etária dos alunos –, tabu em muitos contextos escolares (FERREIRA *et al.*, 2016; LORENZI; GAGLIOTTO, 2016; SEFFNER, 2020), sendo ainda maior se pensarmos no próprio seio familiar (SILVA; CARVALHO, 2014; MORAES *et al.*, 2017).

Para além do tabu que, possivelmente, ainda existe (ou possa existir) para se dialogar sobre a educação sexual e a sexualidade, em se tratando de contexto escolar, especialmente no aspecto referente à legalidade em se abordar a temática, Seffner (2020, p. 26) ressalta que “a listagem de argumentos legislativos e jurídicos em favor da liberdade de abordar temas em gênero e sexualidade na escola é longa”.

Apesar disto, por exemplo, analisando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996, em trabalho que tratava acerca da produção de olhares sobre a sexualidade em políticas públicas educacionais, Rizza e Ribeiro (2017, p. 56) mencionam que “com relação às discussões acerca da sexualidade, não encontramos um artigo que diretamente apresentasse alguma proposição para que essa temática esteja presente na escola ou a sua importância como um tema de debate com crianças e adolescentes”.

Nesse sentido, as discussões sobre essa temática devem ser potencializadas, especialmente porque como destacam Carvalho *et al.* (2012) somos seres sexuados e, ainda que de forma inconscientes, ensinamos e aprendemos continuamente sobre a sexualidade. Nesse sentido, Melo *et al.* (2011, p. 23) destacam, inclusive, que “os discursos e as práticas sobre a sexualidade perpassam todas as esferas da nossa vida cotidiana”.

Assim, diante da importância de se desenvolver estudo sobre a Educação Sexual, promovendo o debate sobre a temática surge o seguinte questionamento: Quais os focos dos estudos desenvolvidos sobre Educação Sexual publicados no Congresso Nacional de Educação? Este questionamento se configura no objetivo geral deste artigo, ou seja, identificar e analisar as produções científicas sobre Educação Sexual publicadas nos anais do Congresso Nacional de Educação (CONEDU).

O artigo está estruturado, além desta introdução, primeira seção, com mais quatro seções. A segunda seção aborda a percurso teórico. A terceira

apresenta os procedimentos metodológicos. Na quarta seção são apresentados os resultados e as análises. A quinta traz algumas reflexões conclusivas apresentando, posteriormente, as referências utilizadas.

PERCURSO TEÓRICO

Apontamentos sobre sexualidade e educação sexual

A preocupação relacionada ao ensino da sexualidade, na esteira dos estudos sobre a educação, iniciou-se no século XX, sobretudo em função dos debates acerca da inserção do tema nos currículos escolares (RIBEIRO, 2013).

Percebe-se que, com o passar dos anos, o tema sexualidade tem ganhado espaço nos debates, porém, possivelmente pelo tabu construído historicamente sobre o tema, Melo *et al.* (2011, p. 22) destacam que “(...) as transformações ocorrem muito rapidamente, mas, no que se refere à temática ‘sexualidade’, ainda não conseguimos falar dela com a naturalidade necessária”.

Buscando definir sexualidade, Nunes (2003, p. 16) ressalta que “(...) a sexualidade, de maneira privilegiada, é este terreno híbrido entre o pessoal e o social, encruzilhada confusa onde se articulam o ser e o existir individual e coletivo de cada um de nós”.

Para Vieira (2014, p. 1), sexualidade é “o conjunto de processos sociais que produzem e organizam a expressão de desejo e o gozo dos prazeres corporais, orientados a sujeitos do sexo oposto, do mesmo sexo, de ambos os sexos, ou a si mesmo (a)”. Ribeiro (2005, p.1) ressalta que a sexualidade “é um conjunto de fatos, sentimentos e percepções vinculados ao sexo ou à vida sexual”.

Porém, no contexto brasileiro, em função de aspectos morais e também de preconceitos, a sexualidade ainda tem sido considerada um tabu e, infelizmente, as crianças e os adolescentes não se sentem à vontade em falar sobre o assunto, expondo as suas expectativas e apresentando as suas dúvidas (GONÇALVES *et al.*, 2013).

Tal situação vai ao encontro da percepção de Dias e Gomes (1999, p. 82) quando enfatizam que “a comunicação sobre sexualidade entre pais e filhos é marcada, enfim, por uma ambiguidade em que ambas as partes reconhecem o problema, mas evitam enfrentá-lo. O dilema está então constituído”.

Esse tabu, impregnado no contexto brasileiro, potencializa a necessidade de se promover a educação sexual que de acordo com Figueiró (2009, p. 163):

[...] tem a ver com o direito de toda pessoa de receber informações sobre o corpo, a sexualidade e o relacionamento sexual e, também, com o direito de ter várias oportunidades para expressar sentimentos, rever seus tabus, aprender, refletir e debater para formar sua própria opinião, seus próprios valores sobre tudo que é ligado ao sexo. No entanto, ensinar sobre sexualidade, no espaço da escola, não se limita a colocar em prática, estratégias de ensino. Envolve ensinar, através da atitude de educador, que a sexualidade faz parte de cada um de nós e pode ser vivida com alegria, liberdade e responsabilidade. Educar sexualmente é, também, possibilitar ao indivíduo, o direito a vivenciar o prazer.

Acerca da educação sexual, Santos *et al.* (2014, p. 2) mencionam que ela “(..) permite ao educando conhecer seu próprio corpo e às questões da intimidade saudável nas relações sexuais, para que, com isso, o educando possa formar sua própria identidade, definir sua sexualidade e saber o que é ou não adequado para sua vida”.

Nos debates acerca da educação sexual e, mais especificamente, sobre os desdobramentos do tema nos currículos das escolas, percebe-se que, muitas vezes, a temática não é considerada de maneira explícita, porém sempre aparece como pauta, configurando-se, portanto, como currículo oculto.

Nessa perspectiva, Carvalho *et al.* (2012, p. 18) ressaltam que “a Educação Sexual é entendida como tema transversal sempre presente nos currículos de espaços educativos formais e não formais. Muitas vezes, não é possível perceber esse fato por ele estar velado no currículo oculto”.

METODOLOGIA

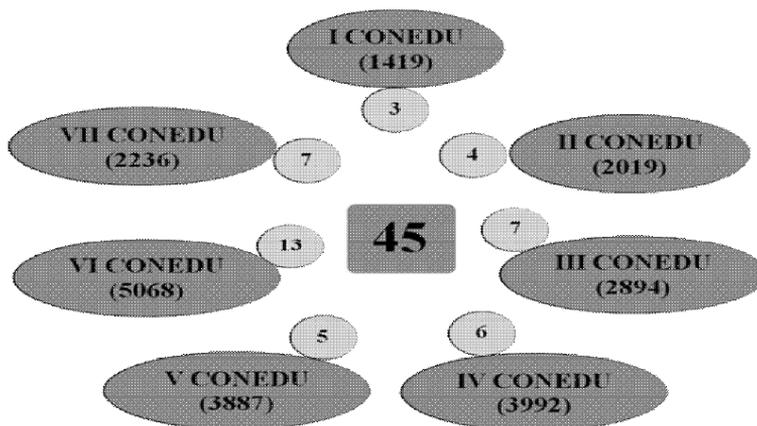
O artigo pode ser classificado como de natureza exploratória, com abordagem qualitativa e descritiva, tendo a revisão sistemática como método de investigação. Como base de dados utilizamos os anais das 7 (sete) edições do Congresso Nacional de Educação (CONEDU).

Considerando o objetivo definido no artigo, a sistematização dos artigos analisados foi realizada por meio de filtragem nos anais das edições do referido congresso. Para tanto, considerou-se o filtro do próprio site do evento, em cada edição, buscando artigos que apresentavam, no título, o

construto “educação sexual” – embora existam estudos que questionam a utilização deste termo ou, até mesmo, propõem/sugerem a utilização de outros termos como, por exemplo, educação para a sexualidade (VARELA; RIBEIRO, 2017).

Após a realização da revisão sistemática nos anais das sete edições do CONEDU obteve-se os dados apresentados na figura 1, incluindo o *corpus* da pesquisa.

Figura 1 – Definição do *Corpus* da Pesquisa



Fonte: Elaborado pelos autores

Conforme demonstrado na figura 1, em cada edição do evento foi verificado nos anais o número de artigos que continham o construto “educação sexual”. Assim, por exemplo, no I CONEDU, dos 1419 (mil quatrocentos e dezenove artigos) publicados no evento, 3 (três) continham o construto considerado na pesquisa e assim, sucessivamente, totalizando o *corpus* da pesquisa de 45 (quarenta e cinco) artigos.

No que se refere aos aspectos de formatação, destaca-se que nas 7 (sete) edições do evento, pelo que foi observado nos artigos, a estruturação foi a mesma, com exceção da primeira edição, na qual foi possível observar que foram publicados resumos (simples e expandidos). De qualquer forma, os resumos publicados nos anais da primeira edição também foram considerados no *corpus* dessa pesquisa (45 artigos) e, portanto, foram analisados.

Ressalta-se que, com exceção de alguns aspectos específicos, como o fato da diferença de formatação dos trabalhos no anais da primeira edição do evento, o foco do estudo é considerar, após a leitura de todos os artigos obtidos, uma análise geral à luz do objetivo definido.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este tópico apresenta os resultados do estudo após a leitura dos 45 (quarenta e cinco) artigos obtidos nos anais do CONEDU (Tabela 1), considerando todas as suas edições, conforme esquema apresentado na figura 01.

Tabela 1 – Artigos analisados

Nº	Título do Artigo	Ano
1	Educação Sexual na Escola: Uma Abordagem Teórico-Prática	2014
2	Educação Sexual: Um Relato de Experiência no Ensino Médio	
3	Educação Sexual e Escola: Reflexões sobre Sexualidade na Adolescência no Contexto Escolar	
4	A Percepção dos Pais e Mães sobre o Trabalho de Educação Sexual na Escola	2015
5	Práticas de Educação Sexual no Cotidiano Escolar: Tecendo Reflexões	
6	Educação Sexual na Escola: Implicações para o Exercício da Cidadania	
7	Educação Sexual no Ensino de Ciências: Uma Intervenção no Ensino Fundamental	
8	A Prática Pedagógica sob a Perspectiva Transpertenente da Orientação e Educação Sexual nas Escolas	2016
9	Educação Sexual e Formação de Professores: Análise do Currículo dos Cursos de Graduação em Pedagogia nas Universidades Públicas do Paraná	
10	Educação Sexual no Contexto Escolar: Construindo Saberes a partir do Diálogo e de Práticas Formativas em uma Escola Pública de Floriano/PI	
11	(Re) Pensando a Educação Sexual de Discentes Cadeirantes: Desafios e Possibilidades no Contexto Escolar do Centro de Educação Básica da Universidade Estadual de Feira de Santana – CEB/UEFS	
12	A Educação Sexual na Licenciatura em Ciências Biológicas	
13	A Utilização de Metodologias Ativas via Redes Sociais mediando o Processo Ensino Aprendizagem da Temática Educação Sexual	
14	Educação Sexual na Escola: Abordagem Necessária	
15	Educação Sexual e Prática Docente na Escola	2017
16	A Ausência da Orientação/Educação Sexual no Currículo da Escola e a Formação Docente	
17	Utilização do Recurso de Oficina Pedagógica para Educação Sexual: Relato de Experiência	
18	Educação Sexual na Perspectiva Interdisciplinar: Uma Possibilidade em Sala de Aula	
19	Educação Sexual: entre a Utopia das Leis e a Rejeição da Sociedade	
20	A Importância da Educação Sexual no Ensino de Biologia	

Nº	Título do Artigo	Ano
21	Quebrando o Tabu: Educação Sexual na Escola, Uma Pauta Possível?	2018
22	Educação Sexual: Hábitos dos Jovens de Escolas de Macau/RN	
23	Diversidade de Gênero e Educação Sexual: Desvelando os Efeitos de Sentido em Documentos Oficiais	
24	Educação Sexual: Uma Abordagem sobre Gravidez na Adolescência	
25	A Utilização da Sequência Didática Interativa para Levantamento das Concepções dos Professores da Educação de Jovens e Adultos sobre Educação Sexual	
26	Educação Sexual com Auxílio de Jogo Didático – Diversificando o Ensino de Biologia	2019
27	Educação Sexual como Estratégia na Prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis em Idosos: Revisão Integrativa	
28	O que pensam Gestor e Professores sobre Educação Sexual?	
29	As Diferentes Abordagens da Educação Sexual em Orações para Bobby (Direção: Russell Mulcahy, 2009)	
30	Como Mulheres com Cegueira Percebem e Manifestam a Sexualidade e a Educação Sexual	
31	CHEGA +- Desenvolvimento de Jogo Sêrio sobre Educação Sexual	
32	A Inserção da Educação Sexual na Educação Infantil: o que pensam os Futuros Pedagogos?	
33	Possíveis Contribuições da Educação Sexual para a Formação das Crianças na Educação Infantil	
34	Educação Sexual na “Contramão” à Indústria Pornográfica nas Relações de Gênero e Sexualidade	
35	Educação Sexual: Reflexões sobre sua Importância no Cotidiano Escolar	
36	O Desafio Atual na Conjuntura Social sobre a Importância da Educação Sexual na Percepção dos Professores de Biologia da EREM Abílio de Souza Barbosa, no Município de Orobó – PE	2020
37	Educação Sexual: Concepções de Professores do Ensino Fundamental II	
38	Discutindo a Educação Sexual na Escola no âmbito do Programa Residência Pedagógica, da Educação do Campo/CAFS/UFPI	
39	Concepções sobre Educação Sexual na Formação Docente de Acadêmicos e Acadêmicas de Licenciatura Plena em Pedagogia	
40	A Necessidade da Formação Continuada de Professores em Educação Sexual no Município de Apucarana	
41	Sex Education: Uma Análise sobre a Importância da Mídia para Educação Sexual	
42	A Abordagem da Educação Sexual: Homofobia na Escola	
43	O Uso de Plataformas Virtuais para Dialogar sobre a Educação Sexual, Uma Opção Viável em Tempos da Pandemia	
44	Educação Sexual na Formação Inicial: Um Olhar sobre a Licenciatura em Biologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte	
45	Educação Sexual, Sexualidade e Gênero	

Fonte: Elaborado pelos autores

Aspectos gerais sobre o evento

Inicialmente, é importante destacar que todas as 7 (sete) edições do CONEDU foram realizadas na região Nordeste, com destaque para o estado da Paraíba que já recebeu 3 (três) edições do evento, inclusive as duas primeiras. Até mesmo a 7ª edição, que aconteceu no formato 100% online em função da pandemia do novo coronavírus (foi chamada de #CONEDUemCasa), estava prevista para acontecer na cidade de Maceió, Alagoas.

Quanto ao número de artigos publicados nos anais do evento, ao todo foram 21.515 (vinte e um mil, quinhentos e quinze) artigos. Destes, apenas 45 (quarenta e cinco) artigos contém o construto “educação sexual” no seu título, correspondendo apenas a 0,21% do total de artigos publicados.

Observou-se, ainda, que com o passar dos anos, o número de artigos publicados no evento foi aumentando, o que pode também corresponder a um maior número de artigos que foram submetidos para análise. Essa curva de crescimento do número de artigos publicados foi levemente “quebrada” apenas na 5ª edição, que teve um número um pouco menor de artigos publicados se comparado a 4ª edição.

Além disso, houve uma queda abrupta do número de artigos publicados na última edição (7ª) – corresponde, por exemplo, ao terceiro menor número de artigos publicados no evento, ficando a frente apenas das duas primeiras edições –, o que pode estar atrelado à pandemia do novo coronavírus, que fez com que o evento fosse realizado de forma virtual e, especialmente, colocou a população em um contexto de mudanças que, literalmente, “bagunçou” com a vida de todos, exigindo muita resiliência e capacidade de se adaptar. Assim, de 5.068 (cinco mil e sessenta e oito) artigos publicados na 6ª edição, foram publicados na 7ª edição 2.236 (dois mil, duzentos e trinta e seis) artigos.

Na tabela 2 é apresentado o número de artigos publicados de cada região do país, considerando o *corpus* da pesquisa e o anais de cada evento.

Tabela 2 – Número de artigos por região do país

Anais / Total de Artigos	Regiões				
	Norte	Nordeste	Centro-Oeste	Sul	Sudeste
I / 3	-	3	-	-	-
II/4	-	4	-	-	-
III/7	-	6	-	1	-

Anais / Total de Artigos	Regiões				
	Norte	Nordeste	Centro-Oeste	Sul	Sudeste
IV/6	-	5	-	-	1
V / 5	-	5	-	-	-
VI/13	-	10	1	1	1
VII/7	1	3	-	2	1
Total (45)	1	36	1	4	3

Fonte: Elaborado pelos autores

Observou-se que dos 45 (quarenta e cinco) artigos analisados, 36 foram produzidos na região Nordeste. É oportuno mencionar que este número, que representa 80%, pode estar atrelado ao fato do evento ser realizado, todas as edições, na região nordeste. Essa concentração na região Nordeste é perceptível, sobretudo, nas primeiras edições do evento, no qual uma hipótese possível é a de que o evento ainda não era conhecido, de forma efetiva, nacionalmente. Porém, apesar disso, observou-se predominância da região Nordeste referente ao número de artigos publicados no evento.

É importante destacar que regiões Norte e Centro-Oeste foram as que menos apresentaram artigos publicados no evento, considerando o foco deste estudo, e que a última edição do evento apresentou, ainda que não tenha sido muito significativo se comparado a 6ª edição, um maior número de artigos publicados de outras regiões do país, o que pode estar relacionado com o fato do evento ter sido realizado no formato online, oportunizando a participação de todos os interessados no evento.

I CONEDU: o “pontapé” inicial

Diferentemente das outras edições, a primeira permitiu que os trabalhos fossem apresentados em outros formatos que não a de artigo completo, dentro das definições e normas do evento. Além disso, foi a edição que, obviamente, apresentou o menor número de trabalhos – 1.419 (mil, quatrocentos e dezenove) no total, sendo que apenas 3 (três) apresentaram o construto “educação sexual” no título –, sendo todos da região nordeste, panorama que se repetiu em outras edições.

Foi possível perceber que os 3 (três) trabalhos, sendo 2 (dois) resumos expandidos e 1 (um) resumo simples, foram desenvolvidos junto à adolescentes. Dois estavam vinculados a disciplinas de cursos de graduação

(biologia e pedagogia) e um foi realizado dentro da disciplina de língua portuguesa.

Para além da concentração de aspectos específicos relacionados ao tema da educação sexual, percebeu-se que os três trabalhos perpassaram sobre assuntos como: gravidez indesejada, doenças sexualmente transmissíveis, relações sexuais e homossexualidade.

Educação sexual em estudos

Quanto aos objetivos dos artigos analisados, identificou-se que em alguns ele não foi claramente definido, embora ao longo da análise dos resultados apresentados era possível inferir qual era o objetivo dos autores no estudo realizado. Em todo caso, essa falta de clareza na definição do objetivo pode estar relacionada à concepção dos autores acerca da abordagem qualitativa.

Ainda sobre os objetivos, verificou-se a utilização de 23 (vinte e três) diferentes verbos, com predominância do verbo analisar, seguido dos verbos compreender, identificar, discutir e investigar, conforme pode ser observado na figura 2:

Figura 2 – Verbos utilizados na definição dos objetivos dos artigos sobre Educação Sexual publicados no CONEDU



Fonte: Elaborado pelos autores

No que se refere aos aspectos metodológicos utilizados nos artigos analisados, verificou-se uma predominância da abordagem qualitativa. Em

alguns casos, constatou-se que os autores denominaram a abordagem como quali-quantitativa, porém percebeu-se que, na grande maioria desses estudos, o aspecto quantitativo estava atrelado às estratégias utilizadas para a coleta de dados como, por exemplo, aplicação de questionários, acarretando em percentuais que foram utilizados basicamente para dar suporte às análises qualitativas realizadas, porém muitas sem aprofundamento.

Ainda nessa perspectiva metodológica, verificou-se uma multiplicidade de estratégias utilizadas nos estudos realizados, no que se refere à coleta de dados (como, por exemplo, entrevistas, questionários, jogos, observação, rodas de conversa, etc.). Essa multiplicidade foi observada, inclusive, em um mesmo estudo o que, em alguns momentos, deixou o estudo confuso ou sem aprofundamento, uma vez que não foi possível detalhar tais estratégias e, especialmente, apresentar os resultados de forma coerente vinculando-os às estratégias utilizadas.

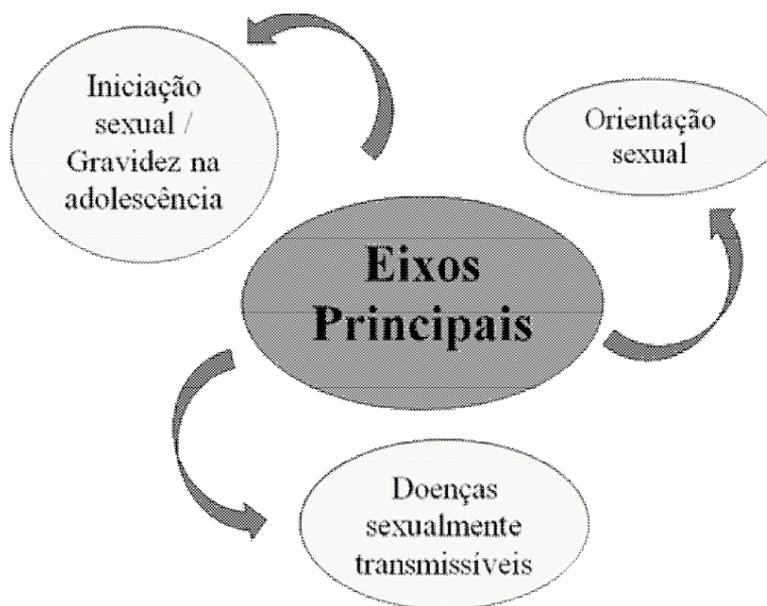
Identificou-se que a maioria dos estudos realizados estão vinculados às disciplinas de cursos de graduação, sobretudo nas licenciaturas em biologia e em pedagogia, sendo produzidos como desdobramentos de atividades realizadas nestes cursos e, de forma específica, em disciplinas que fazem parte da matriz curricular destes cursos. Percebeu-se, também, que alguns artigos foram produzidos como resultados de atividades que consideraram a promoção da interdisciplinaridade, fazendo com que os alunos percebam, ao longo do processo formativo, o diálogo entre as diferentes disciplinas, ou seja, os diversos saberes não mais fragmentados, mas articulados, integrados, conectados.

Ademais, embora tenham sido identificados outros públicos (pais e mães, gestores, professores, idosos e adultos com necessidades específicas), de forma geral, identificou-se que os estudos foram direcionados aos adolescentes ou realizados junto à eles, mesmo quando alguns adotaram uma instrumentalização documental, uma vez que teve por objetivo analisar documentos oficiais, sejam estes institucionais ou publicados nas diferentes esferas de governo (municipal, estadual ou federal).

Identificou-se que três eixos principais permearam, de forma geral, os estudos que foram realizados com a temática sobre educação sexual (Figura 3). Isso não significa dizer que todos os estudos abordaram os três eixos ou, até mesmo, que, necessariamente, pelo menos um dos três eixos foi abordado em cada artigo. Essa observação é importante, porque em alguns artigos, dado o objetivo proposto, os eixos em questão não foram abordados, ainda que se tenha mencionado algo a respeito (SOUZA *et al.*, 2016, por

exemplo). Ademais, destacamos também que, em alguns casos, ainda que o eixo em questão tenha sido abordado, não houve aprofundamento na/da abordagem.

Figura 3 – Eixos Principais sobre Educação Sexual identificados nos artigos do CONEDU



Fonte: Elaborado pelos autores

Sobre o eixo “iniciação sexual / gravidez na adolescência”, FERREIRA *et al.* (2016, p. 1), por exemplo, destacam que “o início da vida sexual dos adolescentes cada vez mais cedo, torna-se um dos problemas enfrentado pelos pais e para a escola nos dias atuais, devido muitas vezes, à falta de diálogo entre pais e filhos”.

Não é raro muitos adolescentes não terem com quem conversar, na família, sobre sexualidade. Essa falta de diálogo pode contribuir, muitas vezes, para que o adolescente inicie sua vida sexual sem ter conhecimentos mínimos sobre como deve agir mediante a determinadas situações. Com pouco conhecimento, decorrente dessa falta de diálogo, muitas meninas podem acabar por engravidar precocemente, o que tende a ser mais comum em regiões que apresentam maior índice de vulnerabilidade social.

No que se refere ao eixo “orientação sexual”, Silva (2017), por exemplo, em seu artigo “A importância da educação sexual no ensino de biologia”,

retrata a importância do espaço escolar para a realização de diálogos sobre educação sexual e, nesse sentido, busca promover discussões de temas relacionados à educação sexual no ensino de biologia, perpassando, por exemplo, pela questão da orientação sexual.

O eixo “doenças sexualmente transmissíveis” foi o mais abordado nos estudos analisados, pelo menos no sentido de ter sido o mais mencionado, inclusive nos argumentos relacionados à importância de se dialogar sobre educação sexual. Santos *et al.* (2020, p. 6), por exemplo, pontuam que “as infecções sexualmente transmissíveis (IST) geralmente são uma temática que possui bastante enfoque nas aulas de educação sexual [...]”.

A abordagem / concepção de educação sexual, praticamente em todos os artigos analisados, não foi claramente apresentada pelos autores. Porém, na grande maioria dos artigos, verificou-se que os autores fazem referência a abordagens / concepções de educação sexual e de sexualidade de autores renomados na temática como, por exemplo, Furlani (2001; 2007) e os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (BRASIL, 1998).

Porém, ainda que não se tenha observado, claramente, a apresentação de uma determinada abordagem ou concepção de educação sexual, verificou-se que, por meio dos objetivos dos artigos, sobretudo pelas análises e pelas reflexões realizadas, há uma ênfase na abordagem biológica-higienista (FURLANI, 2008), o que, inclusive, vai ao encontro dos eixos principais identificados nos artigos. Segundo Furlani (2008, p. 18), a abordagem biológica-higienista “é marcada pela centralidade ao ensino como promoção da saúde, da reprodução humana, das DSTs, da gravidez indesejada, do planejamento familiar, etc”.

Para além dos eixos principais identificados, destacamos que três aspectos também permearam os estudos analisados, a saber: a) a temática educação sexual como um tabu (MELO; MELO, 2016; FERREIRA *et al.*, 2016); b) a relação da escola com a família para tratar sobre a temática educação sexual (MELO; MELO, 2016); e c) a falta de formação de professores para abordar a temática educação sexual (SOUZA *et al.*, 2016; LOPES; PINTO, 2017).

Com relação ao aspecto “tabu”, Melo e Melo (2016, p. 5) destacam que “a abordagem da sexualidade na escola envolve questões como a ética, a moral, a religião, os tabus, as relações de poder e de gênero, identidades e práticas sexuais”. Ressaltam, ainda, que “[...] assim como os alunos, os professores e os pais necessitavam debater suas dúvidas e angústias, refletir sobre seus valores e conflitos, questionar seus tabus e preconceitos a respeito da

sexualidade” (p. 6), o que também retrata o aspecto “relação da escola com a família” para tratar sobre a educação sexual.

Souza *et al.* (2016, p. 1), sobre a formação dos professores, ressaltam que “a educação sexual aos poucos vem ganhando espaço e sendo reconhecida como importante no processo formativo dos alunos. Todavia, os profissionais da educação em grande maioria estão despreparados para vivenciarem a temática em suas turmas”. Ainda nessa perspectiva, os autores mencionam, ainda, que “nos cursos de licenciaturas, não há uma preparação significativa nem adequada para que os professores abordem questões de sexualidade no espaço escolar, de tal forma, que ocasionam um sentimento de despreparo e incapacidade por parte desses profissionais” (p. 1).

Assim, percebe-se que, embora essa insegurança apresentada pelos professores para abordar a temática educação sexual possa estar atrelada a diversos elementos, há necessidade de formação destes profissionais para que possam atuar de forma efetiva nos diálogos sobre esse tema que é tão complexo e tão importante na formação dos cidadãos, sobretudo crianças, adolescentes e jovens. Para isso, é fundamental que existam formações que promovam a capacitação destes profissionais e, especialmente, faz-se necessário que estes também queiram e busquem se capacitar.

Nesse sentido, Lopes e Pinto (2017, p. 1), abordando a Educação Sexual e a Formação Docente, enfatizam que “os primeiros resultados observados foram a baixa procura por parte dos profissionais por formações ao mesmo tempo em que são menos ainda as ofertas de formações que discutam o tema”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do questionamento acerca de quais os focos dos estudos desenvolvidos sobre Educação Sexual publicados no Congresso Nacional de Educação (CONEDU), este artigo teve como objetivo geral identificar e analisar as produções científicas sobre Educação Sexual publicadas nos anais do CONEDU.

Do total de 21.515 (vinte e um mil, quinhentos e quinze) artigos, considerando todas as edições do evento, constatou-se que, nos moldes metodológicos definidos, foram publicados apenas 45 (quarenta e cinco) artigos sobre “educação sexual”, correspondendo apenas a 0,21% do total de artigos publicados. Assim, percebeu-se a necessidade do desenvolvimento

de mais estudos teóricos e empíricos, com foco em ampliar os debates sobre a temática.

Quanto aos aspectos metodológicos, observou-se ênfase na abordagem qualitativa. Além disso, constatou-se uma multiplicidade de estratégias, sobretudo na coleta de dados, e, em alguns estudos, em função da utilização de diferentes estratégias, o estudo ficou confuso ou sem aprofundamento.

Os artigos analisados permitiram-nos, em linhas gerais, identificar três eixos principais que nortearam os objetivos e as reflexões realizadas, a saber: “iniciação sexual / gravidez na adolescência”; “orientação sexual”; e “doenças sexualmente transmissíveis”. Porém, além desses eixos, foi possível identificar, também, três aspectos recorrentes na maioria dos estudos, são eles: a temática educação sexual como um tabu; a relação da escola com a família para tratar sobre a temática educação sexual; e a falta de formação de professores para abordar a temática educação sexual.

De forma geral, não foi possível identificar, claramente, qual (is) a (s) abordagem (ns) concepção (ões) de educação sexual e de sexualidade adotada (s) pelos autores quando da proposição e do desenvolvimento dos artigos. Porém, ainda que essa percepção não tenha sido possível de forma clara, observou-se que, pelos objetivos definidos e pelas reflexões realizadas nos estudos, há uma ênfase na abordagem biológica-higienista. Essa ênfase é perceptível, inclusive, em função dos eixos principais identificados.

Assim, diante dos resultados obtidos, percebemos a necessidade de expandir os estudos sobre educação sexual, não só para além dos eixos principais identificados, mas também, e atrelado a eles, para além da abordagem biológica-higienista.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília, DF. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 09 mar. 2021.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos – apresentação dos temas transversais**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ttransversais.pdf>>. Acesso em: 09 mar. 2021.

_____. Ministério da Saúde (MS). Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. **Departamento passa a utilizar nomenclatura “IST” no lugar de “DST”**, 2016. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pt-br/noticias/departamento-passa-utilizar-nomenclatura-ist-no-lugar-de-dst>>. Acesso em: 09 mar. 2021.

CARVALHO, G. M. D. de; MENDES, P. de O. e S. P.; MELO, S. M. M. de; SANTOS, V. M. M. **Educação sexual: interfaces curriculares – caderno pedagógico**. Florianópolis: UDESC/CEAD/UAB, 2012.

DIAS; A. C. G.; GOMES, W. B. Conversas sobre sexualidade na família e gravidez na adolescência: a percepção dos pais. **Estudos de Psicologia**. v. 4, n. 1, p. 79-106, 1999.

FERREIRA, S. P.; ARAÚJO, M. dos S.; SOUSA, C. C. de; LIMA, S. M. de S.; SOUSA, S. C. Educação sexual no contexto escolar: construindo saberes a partir do diálogo e de práticas formativas em uma escola pública de Florianópolis/PI. **In: Anais no III Congresso Nacional de Educação (CONEDU)**, 2016. Disponível em: <<http://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/20883>>. Acesso em: 09 mar. 2021.

FIGUEIRÓ, M. N. D. Educação sexual: como ensinar no espaço da escola. **In: FIGUEIRÓ, M. N. D. (Org). Educação sexual: múltiplos temas, compromisso comum**. Londrina: UEL, 2009.

FURLANI, J. **Educação sexual na sala de aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. **Mitos e tabus da sexualidade humana: subsídios ao trabalho em educação sexual**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

_____. Abordagens contemporâneas para a educação sexual. **In: FURLANI, J. (Org). Educação sexual na escola: equidade de gênero, livre orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças**. Florianópolis, UDESC, 2008.

GONÇALVES, R. C.; FALEIRO, J. H.; MALAFAIA, G. Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios. **Holos**. v. 5, n. 29, p. 251-263, 2013.

LOPES, D. de S.; PINTO, F. R. M. Educação sexual: entre a utopia das leis e a rejeição da sociedade. **In:** Anais no IV Congresso Nacional de Educação (CONEDU), 2017. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/36686>>. Acesso em: 09 mar. 2021.

LORENZI, F.; GAGLIOTTO, G. M. Educação sexual e formação de professores: análise do currículo dos cursos de graduação em pedagogia nas universidades públicas do Paraná. **In:** Anais no III Congresso Nacional de Educação (CONEDU), 2016. Disponível em: <<http://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/20881>>. Acesso em: 09 mar. 2021.

MELO, A. C. de; MELO, A. C. de. A prática pedagógica sob a perspectiva transper-tinente da orientação e educação sexual nas escolas. **In:** Anais no III Congresso Nacional de Educação (CONEDU), 2016. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/20030>>. Acesso em: 09 mar. 2021.

MELO, S. M. M. de; POCOVI, R. M. de S.; CARVALHO, G. D. de; MENDES, P. de O. e S. P.; SANTOS, V. M. M. **Educação e sexualidade** – caderno pedagógico. 2. ed. rev. – Florianópolis: UDESC/CEAD/UAB, 2011.

MORAES, S. A.; MORAES, C. A. de; ROCHA, T. A. S.; SPOSITO, N. E. C. Educação sexual na perspectiva interdisciplinar: uma possibilidade em sala de aula. **In:** Anais no IV Congresso Nacional de Educação (CONEDU), 2017. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/36685>>. Acesso em: 09 mar. 2021.

NUNES, C. A. **Desvendando a sexualidade**. 7ª ed. Campinas: Editora Papyrus, 2003.

RIBEIRO, P. R. M. A sexualidade também tem história: comportamentos e atitudes sexuais através dos tempos. **In:** BORTOLOZZI, A. C.; MAIA, A. F. (Org). Sexualidade e infância. Bauru: FC/CECEMCA; Brasília: MEC/SEF, 2005.

RIBEIRO, P. R. C. Revisitando a História da Educação Sexual no Brasil. **In:** RIBEIRO, P. R. C. Corpos, gêneros e Sexualidade: questões possíveis para o currículo escolar. – Caderno Pedagógico – Anos Iniciais. 3. ed. rev. Rio Grande: Editora da FURG, 2013.

RIZZA, J. L.; RIBEIRO, P. R. C. Produzindo olhares sobre a sexualidade em políticas públicas educacionais. **In:** RIBEIRO, P. R. C.; MAGALHÃES, J. C. (Orgs). Debates contemporâneos sobre educação para a sexualidade. Rio Grande: Editora da FURG, 2017.

SANTOS, L. G. T. dos; SANTOS, A. L. C. dos; MIRANDA, J. dos R. Sex Education: uma análise sobre a importância da mídia para educação sexual. **In:** Anais no VII Congresso Nacional de Educação (CONEDU), 2020. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/69547>>. Acesso em: 09 mar. 2021.

SANTOS, P. C. R. dos; SENA, A. C. de; SILVA, G. K. B. da; MATIAS, J. K.; ALMEIDA, R. S. de; MENDES, F. Educação sexual e escola: reflexões sobre sexualidade na adolescência no contexto escolar. **In:** Anais no I Congresso Nacional de Educação (CONEDU), 2014. Disponível em: <<http://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/7191>>. Acesso em: 09 mar. 2021.

SEFFNER, F. Disputa de narrativas em gêneros e sexualidades nas fronteiras entre cultura escolar, famílias e religiões. **In:** SILVA, F. F. da; BONETTI, A. de L. (Orgs). Gênero, diferença e direitos humanos: é preciso esperar em tempos hostis. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2020.

SILVA, A. de A. G. da. A importância da educação sexual no ensino de biologia. **In:** Anais no IV Congresso Nacional de Educação (CONEDU), 2017. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2017/TRABALHO_EV073_MD1_SA16_ID8030_05102017000152.pdf>. Acesso em: 09 mar. 2021.

SILVA, R. N. de M.; CARVALHO, D. A. de. Educação sexual na escola: uma abordagem teórico-prática. **In:** Anais no I Congresso Nacional de Educação (CONEDU), 2014. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/7192>>. Acesso em: 09 mar. 2021.

SOUZA, E. P. de; SANTOS, I. E. dos; MELO, J. O. de; VILELA, S. T. C.; CAVALCANTI, G. M. D. Educação sexual na escola: abordagem necessária. **In:** Anais no III Congresso Nacional de Educação (CONEDU), 2016. Disponível em: <<http://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/20882>>. Acesso em: 09 mar. 2021.

VARELA, C. M.; RIBEIRO, P. R. C. Educação para a sexualidade: a constituição de um campo conceitual. **In:** RIBEIRO, P. R. C.; MAGALHÃES, J. C. (Orgs). Debates

contemporâneos sobre educação para a sexualidade. Rio Grande: Editora da FURG, 2017.

VIEIRA, P. de A. Educação sexual: um relato de experiência no ensino médio. **In:** Anais no I Congresso Nacional de Educação (CONEDU), 2014. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/7193>>. Acesso em: 09 mar. 2021.